



SEÇÃO ARTIGOS LIVRES

Professores(as) com deficiência visual na prática docente: o que revelam as pesquisas?

Teachers with visual impairment in teaching practice: what does research reveal?

Linda Carter Souza da Silva¹
Luzia Guacira dos Santos Silva²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o resultado de duas pesquisas do tipo: a) estado do conhecimento (estado da arte) e b) exploratória. A primeira objetivou mapear e descrever aspectos de pesquisas em nível nacional realizadas, no recorte temporal 2010 a 2020, que versam sobre *Professores(as) com deficiência visual (DV) e docência*. Assim, utilizando os descritores: *Professores, Cegueira, Baixa Visão e Prática Docente*, empreendemos uma busca por produção científica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no Repositório Institucional da UFRN, na Scielo, na Revista Brasileira de Educação Especial, na Revista Educação Especial da UFSM e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A segunda pesquisa, estruturada a partir da aplicação de uma entrevista e de um questionário com perguntas abertas e fechadas com os participantes, visou mapear e caracterizar professores com deficiência visual, lotados na Secretária de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN, com vistas a verificar *quantos são, onde estão, quem são e o que pensam sobre o que fazem*. Quanto aos resultados da pesquisa estado do conhecimento, foram identificados e selecionados dois artigos científicos; um capítulo de livro e seis dissertações de mestrado referentes ao tema. Tais produções apontam, entre outros aspectos, para a necessidade de formação inicial e continuada, que favoreçam maior acessibilidade e mudança de atitudes excludentes em relação a professores e professoras com deficiência visual. Na pesquisa exploratória, os resultados mostram 10 professores e professoras com DV, que afirmaram estar vivenciado certa invisibilidade, apatia, acomodação e aceitação de uma condição de inferioridade imputada pelas barreiras interpostas no exercício de suas ações.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação Especial. Docência. Deficiência Visual

ABSTRACT

This current article aims to present the results of two types of research: a) state of knowledge (state of the art) and b) exploratory. The first aimed to map and describe aspects of research carried out at the national level, in the period 2010 to 2020, which deal with teachers with visual impairment (VI) and teaching. Thus, using the descriptors: *Teachers, Blindness, Low Vision and Teaching Practice*, we undertook a search for scientific production in the CAPES Theses and Dissertations Bank, in the UFRN Institutional Repository, in Scielo, on the Revista Brasileira de Educação Especial, Revista Educação Especiais from UFSM and at the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). The second survey, structured from the application of an interview and a questionnaire with open and closed questions with the participants,

1 Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC-RN)
Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
E-mail: lindacarterlinda@hotmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Doutora em Educação pela UFRN
E-mail: agostoluzsilva@gmail.com



aimed to map and characterize teachers with visual impairments, located in the Secretary of State for Education, Culture, Sport and Leisure of the RN, with a view to verifying *how many there are, where they are, who they are* and what they think about what they do. As for the results of the state of knowledge research, 02 scientific articles were identified and selected; 01 book chapter and 06 Master's dissertations on the subject. Such productions point, among other aspects, to the necessary initial and continuing education, which favor greater accessibility and change of exclusionary attitudes towards teachers with visual impairment. In the exploratory research, the results show 10 teachers with VI, who claimed to be experiencing a certain invisibility, apathy, accommodation and acceptance of a condition of inferiority imputed by the barriers interposed in the exercise of their actions.

Keywords: Research. Special Education. Teaching. Visual Impairment

1. Introdução

O exercício da docência é um desafio primário àqueles e àquelas que estão concluindo cursos de licenciatura nas universidades. Ser professor(a) atualmente requer, sobretudo, formação continuada e um ambiente favorável ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem a aprendizagem, considerando os diferentes modos e tempos que caracterizam a aprendizagem dos alunos presentes em sala de aula. Nesse contexto, a escola é um lugar em que as atribuições da docência entram em conflito permanentemente, o que revela contradições e complexidades inerentes aos elementos constitutivos da educação e da própria formação para a docência.

Sobre os desafios da docência, Pires sugere que: "A aposta está mais no desafio do *primado do ser* do que do *primado do saber*. Ou talvez ela esteja numa relação de equilíbrio e harmonia entre o pessoal e o profissional, entre o ser e o saber, entre o sujeito e seu objeto" (PIRES, 2008, p. 59). Portanto, a condição de ser do professor(a) no mundo deve ser pressuposto para uma escola considerada equitativa, inclusiva e dialógica. Logo, para uma formação continuada que considere a aquisição de saberes que contribuam para a efetivação de ações nessa direção, pensando não somente na diversidade dos estudantes, mas também de seus professores, como agentes ativos no processo educacional.

Concordamos com Freire quando afirma que "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 59)." É sob esse contexto que buscamos refletir o percurso de ser/tornar-se educador na condição de professor(a) com deficiência visual – cegueira ou baixa visão. Não se trata de sobrepôr a deficiência em detrimento da potencialidade, trata-se de exercer a docência sob outras condições físicas, sensoriais, sociais e organizacionais.

Exercer a docência é desafiador, complexo, múltiplo e árido. Formar-se professor ou professora pressupõe quebrar paradigmas e expectativas, porém, formar-se com deficiência



visual é mais que isso, é ressignificar o olhar do outro, diminuindo a distância entre as diferenças e aproximando-se do direito a ter sua dignidade reconhecida. É preciso ter clareza de que professores com deficiência visual atuando em instituições educacionais por meio de concurso público não é uma regra e, sim, uma exceção. O que, em nosso parecer, implica aceitabilidade, reconhecimento, respeito e consideração às condições sensoriais de tais professores e, sobretudo, na promoção de mudanças na sociedade, mais especificamente, nas escolas.

Diante de tal assertiva e com a pretensão de elaboração de um projeto de doutorado, realizamos uma pesquisa do tipo estado do conhecimento, objetivando: a) mapear e descrever aspectos de pesquisas em nível nacional realizadas, no recorte temporal 2010 a 2020, que versam sobre *Professores(as) com deficiência visual (DV)*³ e *a prática docente*; e outra do tipo exploratória, em nível local, com o objetivo de b) mapear e caracterizar professores com deficiência visual lotados na Secretária de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN, com vistas a verificar *onde estão, quem são e o que pensam sobre o que fazem*. Sendo, portanto, o primeiro estudo a mapear e caracterizar esse público, atuante como docente nessa rede de ensino.

Neste artigo, portanto, apresentamos, em um primeiro momento, a produção acadêmica encontrada e, num segundo momento, os dados do mapeamento e caracterização de professores e professoras com deficiência visual da rede pública estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Norte. Nossa pretensão é a de contribuir para a discussão e também para futuras pesquisas no campo da docência exercida por pessoas com deficiência visual.

2. O que revelam as produções acadêmicas do período 2010 – 2020?

Motivada pelo interesse em aprofundar estudos realizados durante o mestrado, propusemo-nos a realizar uma pesquisa preliminar como subsídio para uma proposta de pesquisa de doutorado, levantando estudos anteriores que contemplem a temática de nosso interesse, a fim de verificar os caminhos percorridos, as discussões empreendidas, as aproximações, os distanciamentos e as lacunas existentes no campo de estudo pretendido. Nessa perspectiva, realizamos a pesquisa do tipo estado do conhecimento (ou estado da arte), direcionada pelos seguintes questionamentos: quantas e quais produções científicas foram produzidas de 2010 a 2020 na modalidade da Educação Especial, que trazem como objeto temático professores com deficiência visual e suas práticas docentes? Que *lôcus* e nível de ensino predominam? Quais os tipos de pesquisa e as técnicas mais recorrentes? Quantos e quais são os participantes das pesquisas? Quais os teóricos mais citados? Quais os resultados das pesquisas? Que lacunas apontam?

3 Na perspectiva de Peralta e Narbona, a DV caracteriza-se como uma alteração da capacidade funcional da visão decorrente de uma diminuição significativa da acuidade e campo visual, de alterações corticais e/ou de sensibilidade ao contraste, que interferem ou limitam o desempenho visual das pessoas, influenciados por fatores ambientais e pessoais inadequados (PERALTA; NARBONA, 2002, p. 40).



A busca pelas respostas às questões se deu no site da Scielo, na Revista Brasileira de Educação Especial, na Revista Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Banco de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como no Repositório Institucional da UFRN, que reúne a produção intelectual da comunidade universitária (docentes, técnicos e alunos de pós-graduação), utilizando-nos dos descritores: “Professores, Cegueira, Baixa Visão e Prática Docente”.

Conforme quadro 1, foram identificados e selecionados: dois artigos científicos; um capítulo de livro e seis dissertações de mestrado referentes ao tema, sendo apenas duas desenvolvidas na Região Nordeste, nos estados de Sergipe e Bahia.

Quadro 1. Levantamento da produção acadêmica – 2010 a 2020

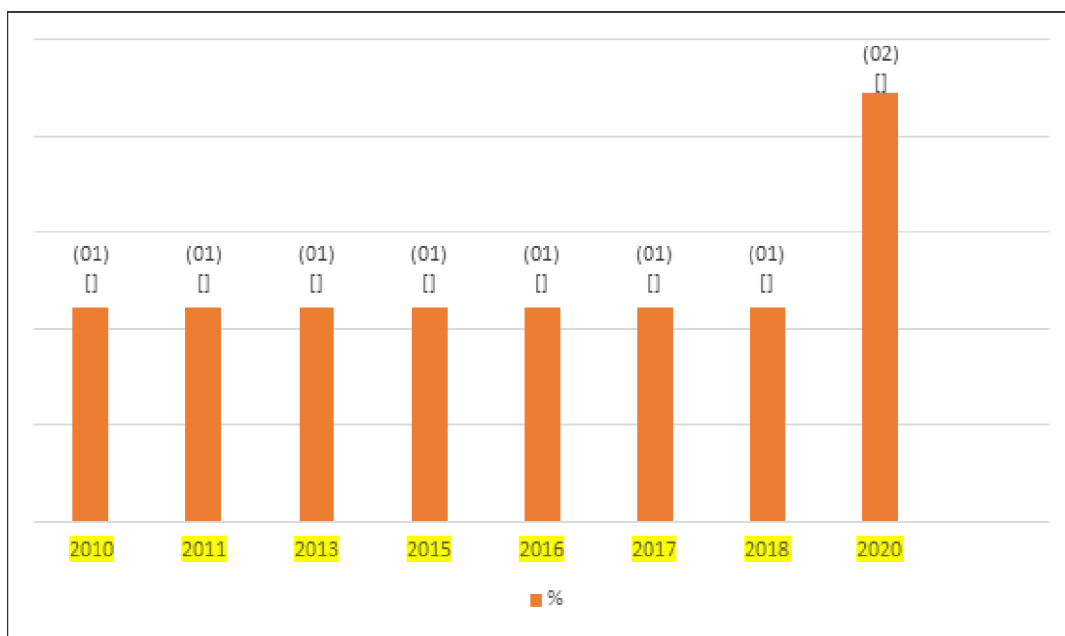
Nº	ANO	TIPO	TÍTULOS	AUTORIA
01	2010	Artigo científico	Representações sociais de baixa visão por professores do Instituto Benjamin Constant.	Regina Célia Gouvêa Lázaro; Helenice Maia.
02	2011	Dissertação de Mestrado (UFSE)	Intervenções de um professor de matemática cego	Enio Gomes Araújo
03	2013	Dissertação de Mestrado (UNIGRANRIO)	A práxis pedagógica de um professor com deficiência visual: o ensino de álgebra em um curso de Licenciatura em Matemática	Paloma Miranda Gonçalves
04	2015	Dissertação de Mestrado (Centro Universitário Metodista)	Percepção de professores universitários com deficiência física, deficiência visual ou deficiência auditiva sobre o processo de inclusão na academia	Marina Pinkoski de Souza
05	2016	Dissertação de Mestrado (PUC-Rio)	Cegueira, Estigma e Preconceito: percepção de professores cegos sobre o tema	Carla Maria de Souza
06	2017	Artigo científico	Docente com deficiência visual no Ensino Superior: uma revisão sistemática de literatura em base de dados científica	Cristina de Araújo Ramos Reis; Maria Luiz Heine; Cláudia Paranhos de Jesus Portela
07	2018	Dissertação de Mestrado (UNEB)	Múltiplos olhares dos docentes cegos e baixa visão na Educação Superior: uma proposta universitária	Cristina de Araújo Ramos Reis
08	2020	Dissertação de Mestrado Profissional (UFMG)	O trabalho de professoras com deficiência visual: uma análise político-social da inclusão profissional na rede regular de ensino de Belo Horizonte	Naim Rodrigues de Araújo
09	2020	Capítulo de livro	A atuação docente de uma professora com baixa visão no Ensino Superior a partir da visão dos alunos do curso de Pedagogia da UNEB, campus VIII	Simoneide Justo da Silva; Cristina de Araujo Ramos Reis; Dayane Nobre de Lima da Silva; Sueli Justo da Silva.

Fonte: Elaborado a partir do levantamento da pesquisa/2021.



Ao organizar o número de trabalhos por ano de publicação, pudemos perceber que há uma variação no tipo de produção acadêmica, tendo a partir de 2011 surgido a publicação de dissertações de mestrado, porém, ainda sem publicações de teses de doutorado. Vale destacar investigações que trazem *diálogos entre professores/docência e deficiência visual* como objetos de pesquisa, como também uma predominância do *Ensino Superior* como nível de ensino mais investigado e *cursos de licenciatura* como campo de investigação predominante. Ainda foi possível notar que não há uma linearidade ou progressão no número de trabalhos publicados por ano, como ilustra o gráfico 1.

Gráfico 1. Quantidade por ano das produções



Fonte: Elaboração com os dados da pesquisa (2021)

Descrição da imagem: Gráfico em barras de cor laranja. Composto por 8 barras que indicam na horizontal os anos de publicação dos trabalhos encontrados via pesquisa em portais e periódicos. Na parte superior de cada barra a quantidade de trabalhos encontrados por ano.

O gráfico demonstra uma relação de um ano para uma equivalência de 100%. Nesse sentido, uma publicação corresponde a 11,11%, sendo 100% correspondente a 9 publicações. Indica, portanto, uma publicação anual, podendo ser artigo ou dissertação. Os dados são passíveis de reflexão, pois reforçam a necessidade de estudos acadêmicos a respeito da docência vivenciada por professores com deficiência visual. Foi possível constatar também a escassez de pesquisas na região Nordeste, no marco temporal estabelecido (2010-2020), no campo da Educação Especial, que discutam a interface entre professoras e professores com deficiência visual e a prática docente.



Dos objetos temáticos abordados, o maior número se concentra nas investigações sobre *Professores com DV/Docência* (35%) e *Deficiência Visual – cegueira e baixa visão* (34%), seguido por *Ensino Superior/Academia* (15%) e, com o mesmo percentual de 8%, os temas *percepções, práxis pedagógica/intervenções*. A pesquisa revela que os trabalhos analisados se concentram nos professores com Deficiência Visual, principalmente em contextos do Ensino Superior (55,5%) e do Instituto Benjamin Constant (22,2%).

Tal dado traz um indicativo importante, a necessidade de pesquisa nesse enfoque também na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades de ensino, além do aprofundamento de estudos nos campos das percepções e da atuação docente de professores e professoras com Deficiência Visual.

a) Sobre o que tratam as produções acadêmicas e seus resultados

Os trabalhos encontrados – artigos, capítulo e dissertações de mestrado – no período **2010 a 2020** trazem como protagonistas professores e professoras cegos ou com baixa visão na interface com as temáticas: *práticas pedagógicas, representações sociais, processos de inclusão profissional e acadêmica*, além de *percepções sobre conceitos como Cegueira, Estigma e Preconceito*. Vejamos:

O artigo científico: *Representações sociais de baixa visão por professores do Instituto Benjamin Constant*, de Regina Célia Gouvêa Lázaro e Helenice Maia (2010), publicado na “Revista Atos de Pesquisa em Educação”. Fundamentadas na teoria das Representações Sociais, as autoras desenvolveram uma pesquisa que teve por objetivo analisar as representações sociais de baixa visão elaboradas por professores que atuam nas turmas de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental, do Instituto Benjamin Constant. Na coleta de dados utilizaram-se de: entrevista, observação, grupo focal e associação livre de palavras. Participaram 13 professores, entre os quais quatro com cegueira, um com baixa visão e oito videntes, de ambos os sexos, na faixa etária compreendida entre 31 e 70 anos. As autoras concluíram que os professores se utilizam da perspectiva da “conservação da visão” como base para o desenvolvimento de práticas pedagógicas bem-sucedidas junto aos estudantes com baixa visão, ou seja, da “[...] crença de que a visão deve ser poupada, pois seu uso pode lesar ou acelerar o processo de deterioração da função visual”, tal como referido pelas autoras.

No segundo artigo, intitulado: *Docente com deficiência visual no Ensino Superior: uma revisão sistemática de literatura em base de dados científica*, as autoras Cristina de Araújo Ramos Reis, Maria Luiz Heine e Cláudia Paranhos de Jesus Portela (2017), trazem uma revisão siste-



mática da literatura na qual investigam artigos cuja temática se relaciona com a pesquisa: “Exercício docente de professores com deficiência visual no ensino superior”. A investigação resultou na identificação de barreiras na inserção e na formação docente e de questões relacionadas à acessibilidade; na orientação de elaboração de práticas inclusivas para fortalecer os serviços disponibilizados aos estudantes universitários com deficiência. O estudo ainda aponta que a presença de professores com deficiência visual pode ser referência para os que almejam a docência no Ensino Superior.

O capítulo de livro que tem por título: *A atuação docente de uma professora com baixa visão no Ensino Superior a partir da visão dos alunos do curso de Pedagogia da UNEB – Campus VIII*, de autoria de Simoneide Justo da Silva, Cristina de Araújo Ramos Reis, Dayane Nobre de Lima da Silva e Sueli Justo da Silva (2020), trata da visão de estudantes do Curso de Pedagogia da UNEB sobre a pessoa com deficiência e a respeito das vivências e práticas pedagógicas de uma professora na condição de baixa visão. As autoras concluem que os alunos percebem a pessoa com deficiência pelo viés da negatividade, contudo, em relação à professora com baixa visão, demonstraram compreensão pelo viés da possibilidade e do reconhecimento de suas potencialidades para o exercício da docência, evidenciando a convivência como positiva para o aprendizado, para a desconstrução de concepções negativas e para sua formação profissional.

No que diz respeito às dissertações de mestrado comentaremos seguindo a ordem cronológica das publicações. Entre os objetos temáticos das pesquisas encontramos estudos sobre: *Deficiência Visual (Cegueira e Baixa Visão)*, *Professores/Docência*, *Ensino Superior/Academia*, *práxis pedagógica/intervenções* e *percepções*.

- 2011 – A dissertação intitulada por: *Intervenções de um professor de matemática cego, desenvolvida por* Enio Gomes Araújo, tem por objetivo principal descrever e analisar estratégias de ensino utilizadas por um professor de matemática cego durante seu estágio supervisionado. A pesquisa revelou o desafio inerente às práticas pedagógicas aplicadas por uma pessoa com cegueira, em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) com alunos cegos e videntes.
- 2013 – A dissertação: *A práxis pedagógica de um professor com deficiência visual: o ensino de álgebra em um curso de licenciatura em matemática*, de Paloma Miranda Gonçalves, analisa como um professor com deficiência visual atuante no Ensino Superior construiu e ensina o conceito de álgebra a partir dos seus sistemas sensoriais. A autora concluiu que a valorização do trabalho em dupla e do diálogo entre os discentes pelo professor, ao realizar a leitura e a interpretação dos problemas propostos, incentivou a reciprocidade e a solidariedade, facilitando o aprendizado da Álgebra.



- 2015 – A pesquisa de Marina Pinkoski de Souza (2015) que tem por título: *Percepção de professores universitários com deficiência física, deficiência visual ou deficiência auditiva sobre o processo de inclusão na academia* traz considerações importantes sobre a inclusão profissional de dois professores com deficiência física, um professor cego e um professor com deficiência auditiva, a partir de suas próprias percepções.
- 2016 – Carla Maria de Souza procura analisar as percepções de professores cegos sobre o preconceito e o estigma relacionados à condição de cegueira, na dissertação intitulada por: *Cegueira, Estigma e Preconceito: percepção de professores cegos sobre o tema*. O trabalho traz o Instituto Benjamin Constant como campo de pesquisa e 17 professores cegos como sujeitos.
- 2018 – O estudo *Múltiplos olhares dos docentes cegos e baixa visão na Educação Superior: uma proposta universitária*, de Cristina de Araújo Ramos Reis, traz a análise da relação entre as vivências de dois docentes – um cego e outro com baixa visão “ da educação superior em uma universidade pública, com vistas à elaboração de um curso online voltado a esse público. A pesquisadora traz como conclusão a constatação da existência de barreiras no exercício docente no *locus* da pesquisa, destacando a ausência de acessibilidade arquitetônica/urbanística, digital e atitudinal, gerando sentimentos de medo e incertezas nos docentes com deficiência visual.
- 2020 – O trabalho de Naim Rodrigues de Araújo, cujo título é: *O trabalho de professoras com deficiência visual: uma análise político-social da inclusão profissional na rede regular de ensino de Belo Horizonte*, busca ampliar a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, a partir das contribuições de duas professoras com deficiência visual. Os resultados evidenciam a discrepância no que concerne à inclusão no setor público e privado; a ampliação paulatina da inclusão no mercado laboral; a necessidade de um professor auxiliar de apoio para os alunos, quando da presença de um professor com deficiência; a ampliação da noção de inclusão pelos alunos que tendem a desempenhar atitudes mais inclusivas e a desenvolverem comportamento prossocial.

b) Abordagem, técnicas de coleta de dados, participantes e referencial teórico mais utilizados

Ao verificarmos as abordagens e as técnicas utilizadas nas seis pesquisas de mestrado no recorte temporal investigado, percebemos que há predominância de *pesquisas qualitativas*. Aliás, uma abordagem metodológica presente com frequência nos estudos realizados na área



da Educação (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os pesquisadores utilizaram como técnicas de construção de dados: *registros audiovisuais* (16,67%), *entrevistas semiestruturadas* (100%), *questionários* (16,67%), *observação direta e observação participante* (50%).

Em relação ao quantitativo de participantes, varia de 02 a 24 sujeitos. Destacamos a dissertação "*Intervenções de um professor de matemática cego*", com 24 (48%) participantes, em que um professor cego é considerado sujeito primário e duas professoras videntes (uma de sala de aula comum e uma da Sala de Recurso Multifuncional – SRM) e 21 estudantes, sujeitos secundários. Na sequência, a dissertação "*Cegueira, Estigma e Preconceito: percepção de professores cegos sobre o tema*" que traz 17 (34%) professores cegos como participantes.

Quanto ao referencial teórico mais recorrente nas dissertações de mestrado, destacam-se, em âmbito internacional: Vygotsky (1991; 1997), na discussão sobre desenvolvimento e aprendizagem de pessoas com deficiência; Karagiannis; Stainback e Stainback (1999) e Stainback, S.; Stainback, W. (1999), no campo da inclusão de pessoas com deficiência; Nóvoa (1992, 1995), na discussão sobre formação de professores; Schwartz (2006, 2007, 2016), para discutir sobre trabalho e; Goffman (2004), na discussão sobre estigma como deturpação da identidade dos sujeitos com deficiência.

Em nível nacional, foi possível identificar autores (as) renomados no campo da Educação em geral e da Educação Especial (CROCHICK, 2006, 2012; MENDES, 2002; MAZZOTTA, 2005), além de outros (as) que tratam de temáticas mais específicas, tais como: *discriminação e preconceito em relação a pessoa com deficiência* (DINIZ, 2007; CROCHICK, 2006, 2012); *o ensino da matemática na interface com: deficiência, cegueira e ensino superior* (GIVIGI, 2007, 2010; SANTOS, 2013, 2014; GIABARDO, 2016; GIABARDO; RIBEIRO, 2017; SOUZA, 2000; ARAÚJO, 2011; CAVALCANTI, 2013; FARIAS, 2018; MARTINS, 2006, 2013).

3. Mapeamento e caracterização de professores com deficiência visual da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte

Arelada à pesquisa do estado do conhecimento, interessou à presente investigação também saber, em nível local, *quantos, quem são, onde estão* e *o que pensam* os professores com deficiência visual – cegueira ou baixa visão, que trabalham em escolas da rede estadual de ensino no Rio Grande do Norte, campo de desenvolvimento de nossas atividades laborais. Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória com o objetivo de: *mapear e caracterizar professores com deficiência visual, lotados na Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do RN*, levantando junto a esse órgão, o número de tais professores e das



escolas onde exercem as suas funções. De posse desses dados, elaboramos e enviamos aos professores, por meio de plataforma digital (Google Formulário), um questionário com questões abertas e fechadas (MARCONI; LAKATOS, 2002) e uma Carta Convite para participarem da pesquisa. As questões lançadas buscaram saber sobre o *perfil pessoal, a condição visual, o tempo de atuação docente, o lugar de exercício da função e as possíveis necessidades* para a sua efetivação. A leitura dos dados foi feita de forma direta, questão a questão.

Dez professores e professoras com DV foram identificados, mas apenas oito responderam ao questionário. Todos eles trabalham na condição de funcionário público efetivo da SEEC e exercem suas funções em instituições educacionais ligadas a essa secretaria (critérios exigidos para participação na pesquisa). Dos oitos participantes, quatro são mulheres (duas com baixa visão e duas com cegueira adquirida) e quatro são homens (um com cegueira congênita, um com cegueira adquirida e dois com baixa visão). Totalizam, portanto, quatro professores (50%) com baixa visão, três professores (37,5%) com cegueira adquirida e um professor (12,5%) com cegueira congênita. Cinco professores participantes (62,5%) estão na faixa etária entre 30 e 40 anos e três (37,5%), entre 40 e 50 anos de idade.

Sobre o eixo da *Formação*, os(as) professores(as) participantes indicaram ter formação inicial em: *Geografia, Pedagogia, Letras e Música*. Quanto à formação em nível de pós-graduação, uma professora possui Mestrado em Educação e Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os demais professores e professoras têm especializações nas seguintes áreas: Tecnologias Educacionais (01), Educação Especial e Inclusiva (01), Gestão Pública Municipal (01), Análise Ambiental (01), Gestão Educacional (01). Dois professores não têm especialização.

Sobre o *tempo de atuação docente*, exercício efetivo na Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, em uma escala de 1 a 25 anos, verificamos que 75% dos professores e professoras com DV têm de 1 a 10 anos de docência na rede estadual, enquanto 25% desempenham suas atividades docentes entre 11 e 25 anos. Isso nos permite inferir que a maioria está no início da carreira docente, vivenciando ainda um período de adaptação e consolidação do desenvolvimento de suas práticas, além do enfrentamento dos desafios inerentes à sua condição visual. A partir dessa realidade, podemos questionar: O que projetam para sua carreira docente? Como vislumbram sua inclusão profissional? O que esperam da Educação Pública do nosso país? Como avaliam suas práticas pedagógicas, considerando sua limitação visual? São questionamentos que, *a posteriori*, merecem lugar de destaque em pesquisas acadêmicas sobre práticas pedagógicas de professores e professoras com deficiência visual.



Dos oito docentes que responderam ao questionário, quatro (Renato, Maria, Raul e João) estão trabalhando na 1ª Direc,⁴ no município de Natal/RN; a professora Ana, na 3ª Direc,⁵ no município de Santo Antônio, e Rosa, na 4ª Direc,⁶ município de Riachuelo. O professor Luiz atua no município de Currais Novos, na 9ª Direc⁷ e a professora Raquel, no município de Mossoró, na 12ª Direc.⁸ Embora a 1ª Direc tenha quatro dos oito professores com deficiência visual, é digno de nota o ingresso no mercado de trabalho como profissionais da educação, também, no interior do estado do Rio Grande do Norte. Abre-se um leque de possibilidades no campo da individualidade, por exemplo: profissionais com e sem deficiência conviverem e trabalharem juntos, reconhecendo e desenvolvendo capacidades, e, no campo da coletividade, na convivência ativa e produtiva, todos aprenderem a dar um novo sentido à normalidade.

Em relação à questão sobre o cargo aprovado em concurso público e o cargo exercido na instituição educacional na qual desenvolvem suas atividades, cinco dos oito professores e professoras responderam que exercem outro cargo. Isto é, todos passaram em concurso público⁹ para exercer cargo de professor em sala de aula de aula regular, seja como licenciado para o exercício de disciplina específica ou polivalente ou, ainda, como professor de Educação Especial, porém, apenas três continuam em sala de aula regular. Os demais foram redirecionados, por algum motivo não relatado, ao exercício de outras funções.

Tal realidade nos remete aos seguintes questionamentos, para os quais pretendemos obter respostas em uma futura investigação acadêmica: A inclusão profissional de professores com deficiência visual é uma realidade? O que garante que um professor ou professora com deficiência visual esteja exercendo a função para a qual se candidatou em concurso público? O que tem impedido que exerça a docência em sala de aula regular? Esses profissionais têm sido alvo dos debates sobre inclusão escolar/profissional? O que pensam sobre o desvio de função e sobre a função que desempenham?

4 A primeira DIREC é composta pelos municípios de Natal (capital do Estado do Rio Grande do Norte), Macaíba, Extremoz e São Gonçalo do Amarante.

5 A 3ª DIREC é formada pelos municípios de: Arez, Baía Formosa, Canguaretama, Nísia Floresta, Parnamirim, São José de Mipibu, Goianinha, Monte Alegre e Tibau do Sul.

6 Os municípios que compõem a 4ª DIREC são: São Paulo do Potengi, Bom Jesus, Caiçara do Vento, Riachuelo, Ruy Barbosa, Santa Maria, São Paulo do Potengi, São Pedro, Serra Caiada, Barcelona, Ilmo Marinho, São Tomé e Senador Eloi de Souza.

7 A 9ª DIREC é composta pelos municípios: Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Florânia, Lagoa Nova, Parelhas, Santana do Seridó, Tenente Laurentino Cruz.

8 A 12ª DIREC está formada pelos municípios: Mossoró, Baraúna, Upanema, Areia Branca, Serra do Mel e Tibau.

9 Os concursos públicos para o cargo de professor, no estado do Rio Grande do Norte, têm atendido as prerrogativas da Lei de cotas n. 8.213, de 24 de julho de 1991 – Diário Oficial da União de 14.08.1998, estabelecendo nos editais o percentual de 5% do total de vagas ofertadas para Pessoas com Deficiência.



Quanto à última pergunta do questionário: *Quais as possíveis necessidades para a efetivação da função desempenhada?* Os professores Renato e João citaram a necessidade de adaptações arquitetônicas no contexto de sala de aula, porém não indicaram de que tipo. Já a professora Ana apresentou pontos fundamentais para a reflexão concernente ao processo de inclusão profissional de professores e professoras com DV. Vejamos sua resposta:

Tenho uma equipe muito humana, sensível às minhas necessidades especiais, apenas isso. Porém precisaria de livro didático adaptado, uma lousa com marcações ampliadas para eu poder escrever reto, um sistema [SIGEDUC]¹⁰ com acessibilidade, uma auxiliar em sala para me ajudar a observar os alunos e corrigir as atividades, tendo em vista que é difícil enxergar a letra com grafite. (PROFESSORA ANA, 2021).

Com base nessa realidade inicial encontrada nos dados obtidos nos questionários por nós aplicados, bem como nos resultados da pesquisa mencionada na primeira seção deste artigo – Estado do Conhecimento –, apontamos a urgência de pesquisas acadêmicas que vislumbrem os campos da docência e da deficiência visual de forma dialógica, considerando a realidade do Estado do Rio Grande do Norte. As investigações devem contemplar o processo de inclusão profissional de professores e professoras com deficiência visual, como fator de ampliação de inclusão educacional e profissional.

Compreendemos que a docência por eles exercida requer, sobretudo, alteridade, empatia e respeito às suas diferenças pessoais, às especificidades e às necessidades decorrentes da condição visual. Pareceu-nos que as necessidades dos professores com deficiência visual, como as apresentadas pela professora Ana e pelos professores Renato e João, passam despercebidas à comunidade escolar, constituída, em sua maioria, por pessoas videntes, que, imbuídos de suas atividades e, certamente, de concepções sobre deficiência como impedimento, falha, impossibilidade, não conseguem enxergar o *outro* em sua diferença.

São questões, sem dúvidas, que precisam de humanização e sensibilidade por parte de todos e todas que fazem parte da escola e do sistema de ensino, contudo, também requerem reorganização estrutural, acesso e acessibilidade para o exercício pleno, autônomo das atividades a serem desempenhadas e para as quais os referidos docentes foram aprovados em concurso ou designados. Não é mais aceitável que se deposite apenas no sujeito a responsabilidade do processo de inclusão social e escolar. Concordamos com Silva e Silva quando, nessa direção, afirmam que é “preciso construir uma cultura inclusiva, em que todos e todas sejam

¹⁰ SIGEDUC – É um Sistema aberto para consulta de dados de matrícula pela comunidade: educadores, estudantes e familiares.



parte do processo, sendo sujeitos atuantes, cooperativos e solidários, assumindo a luta pelo direito à educação” (SILVA; SILVA, 2019, p. 87), como compromisso pedagógico, político e social e, na mesma medida, pelo direito de exercer uma profissão com dignidade e equidade de condições.

5. Considerações finais

O estudo realizado e aqui apresentado, em linhas gerais, revelou poucas pesquisas, em nível nacional, em torno da discussão do *ser professor com deficiência visual* e do *como se desenvolvem a prática docente e/ou funções exercidas na escola*. Salienta, dessa forma, a necessidade do desenvolvimento de pesquisas nesse âmbito no estado do RN, para responder às questões suscitadas na pesquisa preliminar (estado do conhecimento) realizada e preencher as lacunas existentes.

Podemos afirmar que o lugar que pessoas com deficiência visual têm ocupado nas pesquisas é, ora *primário* – quando lhes é dada voz para expressarem a sua compreensão de mundo e da sua relação com a prática docente que desenvolvem -, ora *secundário* – quando se busca a compreensão de outros sujeitos sobre sua atuação docente. Ao mesmo tempo em que revelam nas entrelinhas estigmas, estereótipos e preconceitos enraizados nas atitudes, além da ausência de acessibilidade, que tem dificultado uma atuação docente mais assertiva dos docentes cegos e com baixa visão. As estratégias utilizadas por professores cegos para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula apontam o caminho da convivência como potencializadora de mudanças de concepções e de atitudes. Nessa perspectiva, ressalta-se a importância do aprender “com”, da riqueza que é se reconstruir com o “outro”, juntos, pois somos seres inacabados e incompletos e precisamos aprender na relação com o outro, independentemente de sua condição biológica, social, cultural, mediados pelo mundo (GADOTTI, 2011), pela realidade em que vivemos.

Em relação aos achados na pesquisa exploratória, inferimos que a ausência de diálogos estabelecidos a partir dos campos da docência e da deficiência visual no RN podem estar contribuindo para que professores e professoras com deficiência visual continuem no campo da invisibilidade e para que sejam esvaziadas as oportunidades de mostrarem seu potencial para o exercício da docência. Essa lacuna também pode contribuir para a acomodação, a apatia e a aceitação de uma condição inferior por parte de tais profissionais, devido às dificuldades encontradas e ao descaso de dirigentes educacionais para as suas reais necessidades no trabalho docente.



Acreditamos que ser professor ou professora com deficiência visual é, também, vivenciar cotidianamente os desafios inerentes ao processo de inclusão numa via de mão dupla, ou seja, buscando, em diferentes dimensões, *ser incluído* e *ser inclusivo*. Logo, não se pode pensar, discutir e construir inclusão social e educacional sem considerá-los como agentes mediadores desse processo, pois a formação de uma mentalidade inclusiva parte, sobretudo, de ações dialógicas, da escuta atenta de cada um (a) e de todos (as).

Referências

- ARAÚJO, Enio Gomes. *Intervenções de um professor de matemática cego*. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- ARAÚJO, Naim Rodrigues de. *O trabalho de professoras com deficiência visual: uma análise político-social da inclusão profissional na rede regular de ensino de Belo Horizonte*. 2020. 234 f. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 47- 51.
- DINIZ, Débora. *O que é deficiência?* (Coleção Primeiros Passos) São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na cidade*. São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. 2. Ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação Cidadã)
- GIABARDO, Cassio de Souza. *Por Que Não Sou Professor? O Que Dizem os Egressos com Deficiência dos Cursos de Licenciatura da Univille sobre Seus Percursos na Formação Inicial e no Mundo do Trabalho*. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Departamento em Educação Joinville, 2016.
- GIABARDO, Cassio de Souza; RIBEIRO, Sônia Maria. As Produções Científicas sobre o Professor com Deficiência. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 58, p.373- 227 388, Santa Maria mai-ago, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/22124>. Acesso em: 3 Mar. 2021.
- GIVINI, Rosana Carla do Nascimento. *Ensino no escuro: Intervenções de um professor de matemática cego*. 2010. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe. Qualificação de



dissertação de mestrado no núcleo de pós-graduação em Ensino de Ciência e Matemática, 17 dez. 2010.

GIVINI, Rosana Carla do Nascimento. *Tecendo Redes, pescando Ideias: (RE)significando a inclusão nas práticas educativas da escola*. 2007. 233 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

GOFFMAN, Ervin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. São Paulo: LTC, 2004.

GONÇALVES, Paloma Miranda. *A práxis pedagógica de um professor com deficiência visual: o ensino de Licenciatura em Matemática*. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Ciências na Educação Básica). Universidade do Grande Rio – Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, Duque de Caxias, 2013.

KARAGIANNIS, Anastasios; STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. Fundamentos do Ensino Inclusivo. In: STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. *Inclusão: Um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 21-34.

LÁZARO, Regina Célia Gouveia; MAIA, Helenice. *Representações Sociais de baixa visão por professores do Instituto Benjamin Constant*. Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB ISSN 1809– 0354 v. 5, nº 1, p. 110-124, jan./abr 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análises e interpretação de dados*. 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Bruno Sena. *E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

MARTINS, Bruno Sena. Pesquisa Acadêmica e Deficiência Visual: resistências situadas saberes partilhados. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, outubro 2013.

MAZZOTTA, Marcos José de Silveira. *Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Perspectivas para construção da escola inclusiva no Brasil. In: Palhares, Marina S.; Marins, E. Simone C. F. (Org.) *Escola Inclusiva*. São Carlos: EduFSCar, 2002, p. 61-85.

NÓVOA, Antônio. (Org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.



PERALTA, Feli. NARBONA, Juan. Deficiencia visual en el niño. ESE. *Estudios sobre educación*. n. 2, p. 35-52, 2002.

PIRES, José. Formação para a inclusão: a aprendizagem da construção de uma identidade inclusiva através das relações pedagógicas estabelecidas no processo formativo do professor-educador. IN: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, José; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz. (Org). *Políticas e práticas educacionais inclusivas*. Natal, RN: EDUFRN, REIS, Cristina de Araújo Ramos; HEINE, Maria Luiza Figueiredo; PORTELA, Cláudia Paranhos de Jesus Portela. (2017) Docente com deficiência visual no ensino superior: uma revisão sistemática de literatura em base de dados científica. *V Congresso Baiano de Educação Inclusiva (CBEI)*. 08, 09 e 10 de novembro de 2017. Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2017. Recuperado de: <<http://www.uefs.br/vcbei/>

DOCENTE%20COM%20DEFICIENCIA%20VISUAL%20NO%20ENSINO%20SUPERIOR%20UMA%20REVISAO%20SISTEMATICA%20DE%20LITERATURA%20EM%20BASE%20DE%20DADOS%20CIENTIFICA.pdf.

REIS, Cristina de Araújo Ramos. *Múltiplos olhares do docente cego e baixa visão na Educação Superior: uma proposta universitária*. 2018. 201 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação). Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Salvador, 2018.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos. *Preconceito e Inclusão no Ensino Superior: trajetórias de estudantes com deficiência na universidade*. 2013. 399 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos. Trajetórias de estudantes com deficiência na formação universitária transitando entre o preconceito e a inclusão. In: SILVA, Luciene Maria da; M. da; SANTOS, Jaciete Barbosa dos. (Orgs). *Estudos sobre preconceito e inclusão educacional*. Salvador: EDUFBA, 2014, 198 p.

SCHWARTZ. Yves. Entrevista. (2006) In: *Trabalho, Educação e Saúde*. RJ: Fiocruz, v.4, n.2, p. 457-466.

SCHWARTZ. Yves.; DURRIVE, L. (2007) *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora EDUFF.

SCHWARTZ, Yves. (2016) Manifesto Por um Ergoengajamento. In: SHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis. (org). *Trabalho e Ergologia II: Diálogos sobre a Atividade Humana*. Belo Horizonte: Fabrefactum, p. 325-369, 2016.



SILVA, Linda Carter Souza da; SILVA, Luzia Guacira dos Santos. *Educação em direitos humanos e educação inclusiva: concepções e práticas pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, Simoneide Justo da.; REIS, Cristina de Araújo Ramos; SILVA, Dayane Nobre de Lima da; SILVA, Sueli Justo da. In: Santos, Vinícius Silva.; Santos, Jacques Fernandes. (Orgs.) *A Educação em diversos contextos: pesquisas e suas implicações no fazer docente*. Paulo Afonso-BA, Oxente, 2020.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. *Vivência de Inclusão*. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2000.

SOUZA, Carla Maria de. *Cegueira, estigma e preconceito: percepção de professores cegos sobre o tema*. Rio de Janeiro. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Mariana Pinkoski de. *Percepção de professores universitários com deficiência física, cego e baixa visão ou deficiência auditiva sobre o processo de inclusão na academia*. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado). Centro Universitário Metodista – IPA, Porto Alegre, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Fundamentos de Defectologia*. In: *Obras completas*. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1977.

Recebido em: 16.10.2021

Revisado em: 21.11.2021

Aprovado em: 26.11.2021